

Nem só pobre come frango

"Mudo é quem só se comunica com palavras". Filosofia do Samba, de Paulinho da Viola.

VILLAS-BÓAS CORRÊA *

Embalado pelos três dias de aplausos petropolitanos e no renovado deslumbramento do inegável êxito internacional, o presidente Fernando Henrique Cardoso viajou para a primeira visita oficial de um presidente do Brasil à Índia, com rápido, mas nada desprezível pernoite em Barcelona. A alma leve, ainda levitando com o gás do sucesso da abençoada lembrança de restabelecer o costume — saudável e aristocrático, de refugiar-se na serra para fugir dos calores da cômica —, de tempos em que a coisa mais parecida com o ar refrigerado era o abano com a ventarola ou com o toque chique do leque. Mas que, pelo visto, mexeu com a emoção da bela cidade. Confira-se como é forte e profundo o amor à província.

Não há porque negar que, desta vez, o presidente tem razão para estar rindo de orelha a orelha. A sinfonia de palmas calorosas do povo na rua em demonstrações de simpatia pode refletir, em alguma medida, a retribuição agradecida da população à distinção da presença ilustre.

Mas, o aplauso como a vaia nunca se reduz à uma única manifestação. Como a coceira, basta começar que não pára mais. Ou custa muito a esgotar a carga de entusiasmo ou de raiva.

Certamente que FH prestou cuidadosa atenção no povo que se juntou nas calçadas, formando alas à sua passagem ou que o seguiu atrás da comitiva e dos seguranças. Povo, sem dúvida. Com clara predominância da classe média, bem vestida, aparência sadia de quem come desde o berço.

A classe média que vai sendo lentamente conquistada, depois de quase um ano de relações conflituosas. Não está aderindo em massa, na cadência batida da unanimidade. Ao contrário, a aproximação é contida, desconfiada e condicional. Com largas manchas de inconformismo e rejeição que se manifestam nas ruidosas reivindicações organizadas da militância, sempre presente em todas as ocasiões em que se anuncia o comparecimento do presidente.

Sinais de virada à vista. A espera da confirmação dos próximos dias e meses, da conferência pelos índices das novas pesquisas.

Na barafunda do atual quadro político não há outro dado mais significativamente instigante.

É mais fácil e cómodo iniciar a tentativa de abordagem pelas estatísticas. O próprio Fernando Henrique incumbiu-se de resgatar a

desastrosa divulgação de sua assessoria, exibindo números e porcentagens na última entrevista coletiva à imprensa. O mais importante e badalado berra o sucesso do real na comparação dos índices de inflação de 941%, em 94 e 23%, em 95. A lista apresenta outros números de impacto pontuar instantâneo na confirmação do aumento do consumo de alimentos básicos. Desde o celebração do frango, que está virando a marca do real, subindo de 19,2 kg por habitante em 94, para 22,4 kg em 95. Pouco, comodado isolado. Crescendo em dimensão quando se confirma que o brasileiro está consumindo muito mais proteínas não apenas do frango emblemático, mas porque está comendo mais carne de porco, mais

ovos, mais carne bovina. E também mais feijão, mais arroz, mais milho.

Não só o pobre gosta de frango. O frango é de todos. Até do rico que não aguenta empurrar-se todos os dias de caviar. O frango barato, como o ovo, a carne bovina, a carne de porco são pratos do trivial da classe média.

Não agora, mas sempre. Em doses mais fartas quando mais acessível.

A reconciliação, devagar e não se sabe se em ritmo crescente, da classe média com o governo passa por outras linhas tortas. Na atribulada inauguração do governo, a conta sobrou para ela. Espremida entre os resmungos dos ricos que choramingam de pança farta e as discretas e desconfiadíssimas alegrias da sofrida parcela marginalizada. Um, dois, até cinco salários mínimo aumentaram seu modesto poder de compra. Inflação em queda suportou a relativa estabilidade dos preços dos gêneros de consumo diário. Daí em diante, o salário foi sugado pela dança maluca dos preços de serviços, que foram parar na lua. Colégios, médicos, dentistas, tudo disparou nos reajustes aloprados. O calvário é conhecido. Para sustentar seu comedido padrão, apelou para o cartão de crédito, para o cheque especial. Ou se deixou enlaçar pela sedução de comprar à crédito, pagando prestações que escamoteavam os juros alucinantes.

Até aí, a história é sabida. O risco começa no desafio de interpretar os indicadores da mudança. A disparada dos preços de serviços está sendo freada pela queda da demanda. As vítimas aprenderam, apanhando, que não se pode brincar com juros malucos. E passou a administrar o cartão de crédito, o cheque especial. Aprendeu que com inflação de 23% ao ano, e com tendência de queda, é impossível resistir ao fascínio do crediário facilitado para a compra da TV mais sofisticada, da geladeira de último tipo, do som, do vídeo, até do carro de modelos mais baratos. Finge que não enxerga os juros que dobram os preços reais. No raro instante de euforia consumista, o importante é saber que pode pagar a prestação. Ela cabe no seu salário estável.



Se o presidente está soltando foguetes antes da hora da festa ou se sua confiança na consolidação do plano de estabilização justifica-se pelos resultados do primeiro ano, só o desempenho de 96 dará a resposta definitiva.

No flagrante do momento, há preocupante descompasso entre o eco dos aplausos de Petrópolis, a perplexidade da oposição desavinda e o silêncio desdenhoso da rejeição popular à toda atividade política. A resultante de todos esses dados contraditórios certamente que não indica o fortalecimento das instituições democráticas. Mas, o diagnóstico confirmado de instituições em crise.